

OS PENSADORES

A HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA

Will Durant



NOVA CULTURAL

WILL DURANT

A HISTÓRIA  
A HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA

NAS PÁGINAS INICIAIS de *A História da Filosofia*, Will Durant adverte o leitor para o fato de não ser esta uma história completa da filosofia, mas uma tentativa de humanizar o conhecimento, concentrando a história do pensamento especulativo em torno de certas personalidades dominantes. Não infundada, essa crítica em que o autor reconhece a importância da obra, foi realizada pelo *Journal of the History of Ideas*, uma revista especializada que acolheu, com grande entusiasmo, a primeira publicação desta obra, em 1926. Ainda hoje, mais de sete décadas depois, *A História da Filosofia* se constitui em uma das mais importantes sínteses do pensamento filosófico ocidental.

Tradução de LUIZ CARLOS DO NASCIMENTO SILVA

Durant não excluiu de sua abordagem uma certa dose de humor, não apenas porque o assunto é divertido, mas porque o estudo da perspectiva se torna um parente próximo da filosofia, buscando a leveza e a simplicidade das palavras que ele compreende desde a antiguidade clássica até a atualidade. Durant não excluiu de sua abordagem uma certa dose de humor, não apenas porque o assunto é divertido, mas porque o estudo da perspectiva se torna um parente próximo da filosofia, buscando a leveza e a simplicidade das palavras que ele compreende desde a antiguidade clássica até a atualidade.

Durant não excluiu de sua abordagem uma certa dose de humor, não apenas porque o assunto é divertido, mas porque o estudo da perspectiva se torna um parente próximo da filosofia, buscando a leveza e a simplicidade das palavras que ele compreende desde a antiguidade clássica até a atualidade. Durant não excluiu de sua abordagem uma certa dose de humor, não apenas porque o assunto é divertido, mas porque o estudo da perspectiva se torna um parente próximo da filosofia, buscando a leveza e a simplicidade das palavras que ele compreende desde a antiguidade clássica até a atualidade.

NOVA CULTURAL

WILL DURANT

A HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA



Fundador  
VICTOR CIVITA  
(1907 - 1990)



Editora Nova Cultural Ltda.,  
uma divisão do Círculo do Livro Ltda.

Edição Integral

Título Original: The story of Philosophy

Primeira Edição: 1926

Copyright © da tradução, 1991 by Distribuidora Record S.A.

Copyright © da língua inglesa, 1926, 1927, 1933 by Will Durant

Copyright © renovado em 1954, 1955, 1961 by Will Durant

Copyright © 1996 Círculo do Livro Ltda.

Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva, publicada sob licença  
da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.,  
Rio de Janeiro.

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

ISBN 85-351-0695-2

## INTRODUÇÃO

*Sobre os Usos da Filosofia*

EXISTE UM PRAZER na filosofia, e um atrativo mesmo nas miragens da metafísica, que todo estudioso sente até que as vulgares necessidades da existência física o arrastem do auge do pensamento para o mercado da disputa e do lucro econômico. A maioria de nós conheceu um certo período áureo no junho de nossas vidas, quando a filosofia era, de fato, como Platão a chama, "esse caro deleite"; quando o amor de uma Verdade modestamente esquiva parecia incomparavelmente mais glorioso do que a ânsia pelos prazeres carnis e do que as impurezas do mundo. E sempre há, em nós, um sequioso remanescente daquele antigo namoro com a sabedoria. "A vida tem um significado", sentimos nós com Browning, "e procurar esse significado é, para mim, um deleite." Uma parte muito grande de nossas vidas é destituída de significado, compreendendo uma vacilação e uma futilidade autocanceladoras; lutamos com o caos que nos cerca e que está dentro de nós; mas o tempo todo acreditaríamos existir algo vital e importante em nós, se ao menos pudéssemos decifrar nossas almas. Queremos compreender; "a vida, para nós, significa estar sempre transformando em luz e chama tudo aquilo que somos ou com que deparamos";<sup>1</sup> somos semelhantes a Mitya, em *Os Irmãos Karamázovi* — "um daqueles que não querem milhões, mas uma resposta a suas perguntas"; queremos ter conhecimento do valor e da perspectiva das coisas passageiras e, assim, sair do turbilhão das formalidades cotidianas. Queremos saber que as coisas pequenas são pequenas e as coisas grandes são grandes, antes que seja tarde demais; queremos ver as coisas, agora, tal como irão parecer sempre — "À luz da eternidade". Queremos aprender a rir diante do inevitável, a sorrir quando a morte aparecer. Queremos ser um todo, coordenar nossas energias criticando e harmonizando nossos desejos; porque energia coordenada é a última palavra na ética e na política, e talvez

1 Nietzsche, *A Gaia Ciência*, pref.

também na lógica e na metafísica. "Ser filósofo", disse Thoreau, "não é apenas ter pensamentos sutis, nem mesmo fundar uma escola, mas amar o saber a ponto de viver, segundo os ditames deste saber, uma vida de simplicidade, independência, magnanimidade e confiança." Podemos estar certos de que, se conseguirmos controlar o saber, todas as demais coisas nos serão incorporadas. "Procurem, primeiro, as boas coisas da mente", adverte-nos Bacon, "e o resto lhes será proporcionado, ou, então, a falta do resto não será sentida." A verdade não nos fará ricos, mas nos tornará livres.

Um leitor indelicado nos deterá, aqui, informando-nos que a filosofia é tão inútil quanto o xadrez, tão obscura quanto a ignorância, e tão estagnante quanto a satisfação. "Não há nada tão absurdo", disse Cícero, "que não possa ser encontrado nos livros dos filósofos. Não há dúvida que alguns filósofos têm todo tipo de sabedoria, exceto o senso comum; e muito vôo filosófico tem sido devido ao poder ascensional do ar rarefeito. Tomemos a decisão de, nesta nossa viagem, só tocarmos nos portos em que haja luz, mantermo-nos afastados das lamacentas correntes da metafísica e dos "multíssonos mares" da disputa teológica. Mas será que a filosofia é estagnante? A ciência parece estar sempre avançando, enquanto a filosofia parece estar sempre perdendo terreno. No entanto, isso só se deve ao fato de a filosofia aceitar a árdua e perigosa tarefa de lidar com problemas ainda não abertos aos métodos da ciência — problemas como o do bem e do mal, da beleza e da feiúra, da ordem e da liberdade, da vida e da morte; tão logo um campo de investigação gera conhecimento suscetível de uma formulação exata, é chamado de ciência. Toda ciência começa como filosofia e acaba como arte; surge na hipótese e flui para a realização. Filosofia é uma interpretação hipotética do desconhecido (como na metafísica) ou do conhecido de forma inexata (como na ética ou na filosofia política); é a trincheira adiantada no cerco à verdade. Ciência é o território capturado; e por detrás dele ficam as regiões seguras nas quais o conhecimento e a arte constroem o nosso mundo imperfeito e maravilhoso. A filosofia parece estar parada, perplexa; mas isto é só porque ela deixa os frutos da vitória para suas filhas, as ciências, enquanto ela própria segue adiante, divinamente descontente, em direção ao incerto e ao inexplorado.

Devemos empregar linguagem mais técnica? Ciência é descrição analítica; filosofia é interpretação sintética. A ciência quer decompor o todo em partes, o organismo em órgãos, o obscuro em conhecido. Ela não procura conhecer os valores e as possibilidades ideais das coisas, nem o seu significado total e final; contenta-se em mostrar a sua realidade e sua operação atuais, reduz resolutamente o seu foco, concentrando-o na natureza e no processo das coisas tais como são. O cientista é tão imparcial quanto a natureza no poema de Turgenev: está tão interessado na perna de uma pulga quanto nos paroxismos criativos de um gênio. Mas o filósofo

não se contenta em descrever o fato; quer averiguar a relação do fato com a experiência em geral e, com isso, chegar ao seu significado e ao seu valor; ele combina coisas numa síntese interpretativa; tenta montar, de maneira melhor do que antes, esse grande relógio que é o universo e que o cientista perquiridor desmontou analiticamente. A ciência nos ensina a curar e a matar; reduz a taxa de mortalidade no varejo e depois nos mata por atacado na guerra; mas só a sabedoria — o desejo coordenado à luz de toda a experiência — pode nos dizer quando curar e quando matar. Observar processos e construir meios é ciência; criticar e coordenar fins é filosofia; e porque hoje os nossos meios e instrumentos se multiplicaram além da nossa interpretação e da nossa síntese de ideais e fins, nossa vida está cheia de som e fúria, não significando coisa alguma. Porque um fato nada é exceto em relação ao desejo; não é completo, exceto em relação a um propósito e a um todo. Ciência sem filosofia, fatos sem perspectiva e avaliação não podem nos salvar da devastação e do desespero. A ciência nos dá o conhecimento, mas só a filosofia pode nos dar a sabedoria.

Especificamente, filosofia significa e abrange cinco campos de estudo e discurso: a lógica, a estética, a ética, a política e a metafísica. *Lógica* é o estudo do método ideal de pensamento e pesquisa: observação e introspecção, dedução e indução, hipótese e experimento, análise e síntese — são estas as formas da atividade humana que a lógica tenta compreender e orientar; é um estudo maçante para a maioria de nós, e no entanto os grandes acontecimentos na história do pensamento são os melhoramentos que os homens têm feito em seus métodos de pensamento e de pesquisa. *Estética* é o estudo da forma ideal, ou beleza; é a filosofia da arte. *Ética* é o estudo da conduta ideal; o mais elevado dos conhecimentos, dizia Sócrates, é o conhecimento do bem e do mal, o conhecimento da sabedoria da vida. *Política* é o estudo da organização social ideal (não é, como se poderia supor, a arte e a ciência de conseguir e manter um cargo); monarquia, aristocracia, democracia, socialismo, anarquismo, feminismo — estes são as *dramatis personae* da filosofia política. E por último, *metafísica* (que se envolve em tantas dificuldades por não ser, como as outras formas de filosofia, uma tentativa de coordenar o real à luz do ideal) é o estudo da "realidade máxima" de todas as coisas: da natureza real e final da "matéria" (ontologia), da "mente" (psicologia filosófica), e da inter-relação de "mente" e de "matéria" nos processos de percepção e conhecimento (epistemologia).

São essas as partes da filosofia; mas assim desmembrada, ela perde a sua beleza e sua alegria. Iremos procurá-la, não em seus encarquilhados abstrativismo e formalidade, mas vestida na forma viva do gênio; iremos estudar não apenas filosofias, mas filósofos; passaremos nosso tempo com os santos e mártires do pensamento, deixando que seus espíritos radiantes

nos envolvam até que talvez nós também, até certo ponto, compartilhemos do que Leonardo chamou de "o mais nobre dos prazeres, a alegria de compreender". Cada um desses filósofos tem alguma lição para nós, se o abordarmos da maneira adequada. "Sabe qual é o segredo do verdadeiro *scholar*?", pergunta Emerson. "Em todo homem há algo que eu posso aprender com ele; e nisso, sou seu discípulo." Bem, não há dúvida de que podemos tomar essa atitude em relação às grandes inteligências da história, sem que nosso orgulho seja ferido! E podemos nos regozijar com aquele outro pensamento de Emerson, de que quando o gênio nos fala sentimos uma reminiscência sobrenatural de termos tido vagamente, em nossa juventude distante, o mesmo pagamento que ele agora expressa, mas de que nos faltara a arte ou a coragem de vestir com forma e palavras. E, na verdade, os grandes homens só nos falam quando temos ouvidos e alma para ouvi-los; só quando temos, em nós mesmos, as raízes, pelo menos, daquilo que floresce neles. Nós também tivemos as experiências que eles tiveram, mas delas não extraímos por completo seus significados secretos e sutis: não éramos sensíveis aos sobretons da realidade que vibravam à nossa volta. O gênio ouve os sobretons e a música das esferas; o gênio sabe o que Pitágoras queria dizer quando declarou que a filosofia é a mais sublime das músicas.

— Por isso, ouçamos esses homens, prontos a perdoar-lhes os erros passageiros e ansiosos por aprendermos as lições que eles estão tão ansiosos por dar. "Sê razoável, então", disse o velho Sócrates a Crito, "e não te preocupes se os professores de filosofia são bons ou ruins, mas pensa apenas na Filosofia propriamente dita. Tenta examiná-la bem e com sinceridade; e se ela for má, procura afastar dela todos os homens; mas se ela for o que acredito que é, segue-a e serve-a, e fica contente."